

# ENTREVISTA<sup>1</sup>

## JOÃO FRANCISCO DUARTE JÚNIOR

O grupo de pesquisa Cultura, Escola e Educação Criadora<sup>2</sup> do Programa de Pós Graduação em Educação da UNIVALI dedica-se, nos últimos anos, a estudar a Formação Estética e a sua relação com os processos educativos. Estudamos diversos autores e entre eles nos ativemos ao livro *O Sentido dos Sentidos: A Educação (do) Sensível* do professor pesquisador João Francisco Duarte Jr.

Emaranhados por suas discussões, o grupo vem sistematicamente retornando a este livro e com ele refletindo. Por este motivo João-Francisco Duarte Junior é nosso entrevistado nesse número temático sobre a formação estética. João Francisco Duarte Júnior é Doutor em Filosofia pela Educação pela UNICAMP e docente do Programa de Pós-Graduação em Artes da mesma Universidade.

Sua obra dialoga com o contexto da educação e enfronta diversos temas como Educação Estética; Educação dos Sentidos, Arte-Educação, Teorias do Conhecimento e Modernidade. Essas temáticas podem ser encontradas em diversos escritos, como os livros: *Fundamentos Estéticos da Educação* (Campinas, Papyrus Ed.); *O Que é Realidade* (São Paulo, Ed. Brasiliense); *O Que é Beleza* (São Paulo, Ed. Brasiliense); *Itinerário de Uma Crise: A Modernidade* (Curitiba, Ed. UFPR); *O Sentido dos Sentidos: A Educação (do) Sensível* (Curitiba, Criar Edições) e outros diversos artigos em periódicos e eventos.

Foi professor no ensino superior desde 1976 e aposentado pela UNICAMP, após 40 anos de ensino, vem se dedicando a pesquisar a formação estética e a gastronomia. Parece-nos curioso, mas ao ler seus textos, e neste caso a entrevista, João Francisco nos provoca a sentir o mundo e a perceber o quanto podemos ampliar os saberes e os sabores na educação.

Foi uma grata surpresa poder conversar com João Francisco e com ele refletir sobre a formação estética em nosso tempo.

**Em sua obra pode-se perceber que você aborda as formas pelas quais o ser humano percebe o mundo e elabora os conhecimentos. Qual a diferença entre o conhecimento inteligível e saber sensível? Por que você diferencia conhecimento de saber?**

Para mim a questão fundamental acerca da vida humana sempre envolveu a teoria do conhecimento, ou seja, o pensar como conhecemos e ajudamos a construir a realidade na qual nos movemos, o que diz respeito basicamente ao sentido que damos à vida. Nesse embate entre o ser humano e as coisas ao redor – as quais são percebidas com as especializações e limitações de nossos órgãos dos sentidos – é que elaboramos um guia, um sentido, um mapa do mundo e da existência, e isto é justamente o conhecimento que temos e que viemos acumulando e transmitindo desde as nossas origens enquanto espécie.

Todos os animais têm um conhecimento de seu meio ambiente, que lhes possibilita a sobrevivência, porém o nosso é radicalmente distinto, já que é abstraído e armazenado por meio dos signos. O mundo é *significado*, quer dizer, transformado em signos, pelos quais então conhecemos tudo e a nós mesmos num trabalho reflexivo.

Nesse processo humano o nosso lastro animal, corporal, vale dizer, sensível, também é tornado signo, ganha significação, e esse processo constitui uma via de mão dupla, pois as significações, de volta, nos ajudam a entender, elaborar e desenvolver a nossa sensibilidade corporal. Portanto são essas as duas instâncias entre as quais nos movemos na construção do sentido da vida, do conhecimento do mundo, a sensível, dada pelo corpo; e a inteligível, representada pelos signos em nossa mente. Ambas se interinfluenciam e podem ser educadas – pense, por exemplo, na sensibilidade desenvolvida pelo *sommelier* ou pelo provador de cafés, bem como a complexidade de pensamento requerida pelos abstratos cálculos matemáticos da mecânica quântica.

Prefiro então chamar o produto de nossa inteligência simbólica de *conhecimento inteligível*, e a nossa capacidade de sentir, de perceber e nos movermos fisicamente, de *saber sensível*, na medida em que o verbo saber tem a ver etimologicamente com saborear – por meio dos sentidos

o mundo é saboreado, seus sons, cores, odores, texturas e sabores. Isto pode ainda nos conduzir a uma reflexão acerca do especialista e do sábio, dos tipos de saberes que os diferenciam, mas só vou indicá-la aqui, pois não há espaço para o seu desenvolvimento.

### Qual o lugar da arte nesse contexto?

Nesse processo humano de elaborar o conhecimento, jogando com o sensível e o inteligível, os signos que nos conduzem à significação são de diversos tipos, com suas maneiras peculiares de operação. Tem-se, na base de tudo, os signos linguísticos, a linguagem, com o seu modo conceitual de atuação, sistema esse por meio do qual nosso grupo social nos educa e nos “humaniza”, digamos assim. Decorrentes dele todos os outros sistemas de signos foram sendo elaborados: a matemática, a química, a geometria, a física etc., os quais constroem essencialmente o conhecimento inteligível. Contudo, criamos também sistemas de significação com outros modos operativos, feito aqueles presentes nos mitos, na poesia, na música, na arte em geral. Tais sistemas estéticos de significação possuem uma maneira própria e peculiar de funcionamento, auxiliando-nos a perceber elementos de nossa dimensão sensível (corporal e emocional) de maneira diversa daquela possível com o uso dos sistemas inteligíveis, conceituais. Assim, a arte nos ajuda a significar o mundo e a existência, iluminando e desvelando aspectos não plenamente acessíveis ao conhecimento inteligível.

Num dito zen budista se afirma que “para apontar a lua basta um dedo, mas aí daquele que confundir o dedo com a lua”. Vale dizer: podemos apontar um sentimento e uma situação humana com uma palavra, com um conceito, por exemplo, “solidão”. No entanto, só os artistas podem nos levar, valendo-se de suas obras, a saber e a vivenciar (ainda que simbolicamente) uma solidão. Por exemplo, a canção *Eleanor Rigby*, de Lennon e McCartney: um dos mais pungentes retratos da solidão a que pode ser atirada uma criatura. Posso ler teorias e reflexões oriundas da psicologia e da sociologia que me ensinam intelectualmente acerca da solidão, mas uma obra de arte como a citada me faz sentir na pele o drama dos solitários. Inteligível e sensível se tocando e me ajudando a ampliar a minha sabedoria sobre a existência.

### Passamos por um momento de descrédito na educação. Por que educação estética? Por que e para que falar de beleza na educação?

Nossa relação sensível com o mundo se conceitua com o termo *estesia* (tradução do grego *aisthesis*) – sendo a *anestesia* o seu oposto, a sua negação. Foi a partir desse conceito de estesia que o filósofo Alexander Von Baungartner cunhou, no século dezoito, a palavra *estética*. Portanto, nosso encontro corporal, sensível, com o mundo, é também estético. Significando-se aí que as nossas percepções, sentimentos e movimentações precisam encetar um jogo equilibrado com as coisas em volta se quisermos sobreviver, e sobreviver bem. No fundo, o que chamamos de beleza é isto: um jogo em que nós e a realidade ao redor nos harmonizamos e nos equilibramos, mesmo que por poucos momentos. Esta é a nossa luta, o nosso jogo: sobreviver articulando-nos com tudo o mais num quadro organizado e pleno de sentido. Quando isto acontece e nos é dado à contemplação temos o sentimento da beleza.

Em decorrência, quando defendo uma educação que seja estética em sua essência, em seus fundamentos, penso num auxílio às novas gerações para que não apenas percebam esse jogo primordial corpo-mundo no qual estamos metidos, mas também as ajude a jogá-lo de maneira mais acurada e consciente. Educação estética talvez tenha a ver com um antigo mote da fenomenologia: voltar às coisas mesmas. Isto é: temos que partir do irredutível fato de sermos um corpo que procura sobreviver – com prazer e alegria – em meio aos perigos do mundo, e quando temos consciência de que somos capazes de enfrentar e até de tirar proveito dessas ameaças, um sentimento de espanto, de maravilhamento (vale dizer, de beleza) nos sobrevém.

A partir de tal maravilhar-se, de tal espantar-se com as coisas e nossas relações primordiais com elas é que se podem então erigir todos os saberes. Todo conhecimento principia no espanto. O corpo na água da piscina, por exemplo, constitui um momento de prazer (mas também de medo), e aprender a dominar o elemento, desenvolvendo as técnicas da natação, do mergulho e do boiar consiste numa educação estética e estésica, a partir da qual se pode também aprender, digamos,

física: mecânica dos fluidos, empuxo, essas coisas todas que desde a eureka do Arquimedes se veio desenvolvendo. Para se pensar sobre a vida e o mundo é fundamental que se os sinta e que nos maravilhemos com eles.

Num tempo em que o corpo queda passivo frente a telas em que mais do que se apresenta, se recria o mundo, parece, pois, premente à educação recolocar esse corpo em contato com os assombros da realidade concreta, não virtual.

### **O que a experiência artística e estética provoca no ser humano?**

Considerando-se que a experiência estética ocorre diuturnamente conosco, quando nossos sentidos se demoram na descoberta das coisas em volta, ela provoca justamente esse espanto e esse maravilhar-se com o mundo. É disso que qualquer projeto educacional deveria sempre partir. É sobre esses *insights* esplendorosos que se constroem as reflexões, as teorias, a filosofia e a ciência. E também a religiosidade e a arte surgem daí.

Já a experiência estética que se tem frente a uma obra de arte (ou experiência artística) constitui uma elaboração simbólica daqueles nossos contatos sensíveis primordiais com o mundo. A obra cria em mim uma experiência de “como se”: frente a ela é como se eu estivesse vivenciando a situação que ela me propõe, com todas as maravilhas, dores e prazeres que isto me desperta. A arte me faz vivenciar, ainda que no modo do “como se”, acontecimentos e experiências de vida de outras pessoas, de outras latitudes, de outras realidades, ou mesmo da minha e que me eram desconhecidas. Portanto, também a arte é capaz de nos abrir os olhos para maravilhas e espantos inusitados, a partir dos quais sempre se pode depois, evidentemente, refletir e elaborar conceitualmente. Contudo, para que isto ocorra, para que a arte nos abra um mundo, é necessária sempre uma aprendizagem, uma aprendizagem de seus códigos. Mas, atenção: aprende-se a ter experiências estéticas frente à arte, aprendem-se os seus códigos, não a partir de teorias, da filosofia ou da história da arte, mas sim no modo sensível, vivencial, tendo-se contínuo contato com ela.

Sintetizo com um pequeno poema do Oswald de Andrade: “aprendi com meu filho de dez anos / que a poesia / é a descoberta das coisas que nunca vi.”

### **O discurso pós-moderno parece colocar o ser humano num estado momentâneo de ser. Alguns autores apontam que o homem pós-moderno não tem perspectivas. Como você vê o homem contemporâneo?**

Em primeiro lugar discordo daqueles que afirmam estarmos vivendo uma pós-modernidade, como se os parâmetros norteadores e o modo de vida da modernidade houvessem sido superados e transformados. Nisso, estou na companhia de pensadores como Alain Touraine, Gilberto de Mello Kujawski, Habermas, Sérgio Paulo Rouanet e outros. Prefiro seguir a conceituação já estabelecida há um bom tempo por Touraine (e depois indevidamente apropriada pelo Lipovetsky) de que os nossos são tempos *hipermodernos*. Vivemos uma hipermodernidade. Ou seja: tudo aquilo que definia a modernidade, como por exemplo, a prevalência do conhecimento inteligível como saber exclusivo, a busca do lucro com o menor gasto material e de tempo, bem como o critério da eficácia como o mais relevante em nossas avaliações, foram simplesmente *hipertrofiados*, ampliados exponencialmente em nossos dias, para o que contribui o vasto e acelerado desenvolvimento tecnológico. E isto, certamente, está nos criando situações paradoxais e até regressivas. Veja-se que o automóvel, para ficar num caso comezinho, foi criado para facilitar e tornar ágil o nosso deslocamento espacial, mas o seu excesso nos faz perder horas no trânsito engarrafado, anulando qualquer benefício. Ou certas condições de trabalho, que estão regredindo a parâmetros do século 19 com base na hipertrofia das medidas de desempenho e de produtividade – há condições de semiescravidão em muitas fábricas chinesas que produzem essas maravilhas tecnológicas, enquanto pelos celulares e computadores *on line* padrões cobram trabalho de seus funcionários em suas horas de lazer e dias de descanso. Sem se falar na terceirização maciça que anula direitos do trabalhador, ou mesmo a violência acadêmica do “publique ou pereça” e outras decorrentes formas tayloristas de medida do desempenho docente.

Frente a esse quadro que apenas esbocei vagamente aqui, falar-se em projeto de vida, em sentido de carreira, em percurso rumo a um objetivo maior do que tão-só produzir febrilmente

no dia a dia, visando apenas a uma boa pontuação e à manutenção do emprego, parece coisa de sonhadores ou de espíritos românticos de séculos passados. Mas esse *way of life* cobra seu alto preço; é só se deter nas notícias e tomar consciência, por exemplo, de que o nível de suicídio de trabalhadores numa certa fábrica de componentes eletrônicos da Ásia chegou ao ponto de os patrões gradearem as janelas dos edifícios onde se localizam seus dormitórios para evitar que eles saltassem para a morte. E também o alarmante número de cortadores de cana mortos por exaustão nas lavouras brasileiras. Ou ainda o alto índice de enfermidades físicas e distúrbios psíquicos que vêm acometendo os docentes de universidades, especialmente as brasileiras – já devidamente registrado em pesquisas sérias que pouco se divulga.

Ah, e só para constar: vários teóricos que assumiam e defendiam o conceito de pós-modernidade voltaram atrás e o deixaram de lado, como o Lipovetsky, já citado, e o próprio Lyotard, autor de *O pós-moderno* e *O pós-moderno explicado às crianças*.

### **Qual sentido, por que se falar de educação estética na contemporaneidade?**

Acho que em boa medida a resposta a esta questão está contida nas minhas respostas pregressas. Ora, restabelecer a nossa capacidade de nos maravilharmos com o mundo, de nos sentirmos vivos num cotidiano que não seja feito de agendas lotadas e níveis de produtividade, de perceber nossa integração sensível com a realidade ao redor, de entender que o conhecimento não é dado apenas por fórmulas matemáticas e reflexões lógico-conceituais, e, sobretudo, de que mais dinheiro e mais consumo de quinquilharias não implica em mais felicidade, muito pelo contrário, é fundamentalmente recuperar-se a percepção estética da existência. Educar os nossos sentidos para que eles nos permitam mais e mais saborear as sutilezas do mundo creio ser o primeiro passo para uma vida mais feliz e aut centrada. A competição desenfreada (rumo ao nada) nos impede de ter prazer com o fato de estarmos vivos, e esse prazer é, em sua essência, estético.

O melhor conselho para se dar a alguém assim ansioso, preocupado com o seu desempenho, com as metas a serem cumpridas e o mais novo modelo de automóvel a ser adquirido é: “não se preocupe que no fim nada vai dar certo, já que vamos todos morrer.” Como dizia o velho bruxo D. Juan nos livros do Carlos Castañeda, lá nos anos sessentas e setentas: a morte está sempre ao nosso lado, e é com ela que devemos sempre nos aconselhar. Para valorizarmos a vida e a sua intrínseca beleza. Para isto há que servir a educação estética.

**Ao escrever sobre o que é realidade você afirma que “a construção da realidade passa pelo sistema linguístico empregado pela comunidade (...) O ser humano move-se, então, num mundo essencialmente simbólico, sendo os símbolos linguísticos os preponderantes e básicos na edificação deste mundo, na construção da realidade”. A seu ver, a educação estética pode intervir numa elaboração simbólica diferenciada do que a indústria cultural propõe em nosso tempo? Como?**

Sim, penso que possa, mas é preciso perceber também o que anda ocorrendo com relação ao próprio uso da linguagem hoje no Brasil – fiquemos por aqui mesmo, em nossa reflexão. É fato que a contemporaneidade está tomada pela imagem, numa profusão caótica e ininterrupta. O problema é ela vir substituindo a aprendizagem e o bom emprego da língua, dos signos verbais. Pois é com a linguagem que pensamos e nos comunicamos, desde as situações prosaicas do cotidiano até as conferências e debates em congressos científicos. É inevitável: o empobrecimento da linguagem diminui a capacidade cognitiva e reflexiva das pessoas. Por isso Orwell faz a ditadura de sua obra *1984* diminuir anualmente o número de palavras presentes nos dicionários e à disposição do povo. Mundo é, numa fórmula simples, o que pode ser dito. Aquilo que não tem nome não existe, não pode ser pensado. Assim, o que me assusta na atualidade é a crescente perda de vocabulário e da capacidade de manejo do idioma entre nós. E não digo somente no caso do homem médio, pouco instruído, mas, sobretudo, me causa desalento verificar isto no próprio meio acadêmico, no qual passei a maior parte de minha vida. Dissertações e teses chegavam a mim, quando membro de bancas, com tal quantidade de erros ortográficos e gramaticais que me obrigavam a corrigi-los detalhadamente, vírgula a vírgula, e depois devolver o exemplar ao candidato ao final da defesa, como outra contribuição minha à sua educação. E nunca vi um orientador ruborizar por causa disso,

já que para mim tal correção deveria fazer parte do seu trabalho: ao cabo, eu é que fico sendo o esquisito, por dar atenção a esses detalhes.

Não são detalhes, todavia: é a própria capacidade argumentativa e comunicativa que está em questão. Afora, claro, o estilo arrastado e confuso, num aranzel argumentativo presente em muitos desses escritos – vale dizer: a incapacidade de se tecer um texto acima de tudo prazeroso esteticamente. O que se torna um paradoxo quando se pensa estarem sendo produzidas dissertações e teses sobre arte sem nenhuma qualidade estética. E assim se chega ao ponto: vem faltando leitura aos nossos docentes e alunos. Leitura de qualidade, digo, o contato com boas obras de arte literárias, com textos escritos por mestres, como Machado de Assis, Eça de Queiroz, Drummond, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa e tantos outros. Ou seja, está lhes faltando educação estética.

E a desculpa de que em cursos de formação artística a habilidade linguística, o bom manejo da palavra escrita, não constitui o cerne da formação é apenas isto: uma desculpa rota e esfarrapada. Porque, em primeiro lugar, pode-se aprender arte e técnicas artísticas fora de um curso superior; o seu diferencial é exatamente proporcionar ao aluno não apenas o aprendizado de técnicas, mas, sobretudo, uma reflexão sobre a arte e seu papel na sociedade. E depois porque em sua esmagadora maioria tais cursos são licenciaturas, isto é, formam professores, os quais, em todo e qualquer caso, empregam a palavra para *professar* – não há situação de ensino e aprendizagem em que não se empregue a linguagem.

Concluindo: realmente a educação estética constitui um antídoto à catadupa de lixo que a tal indústria cultural despeja sobre nós, mas ela precisa começar no âmago do processo educacional, na formação dos próprios educadores. E sim, tenho consciência: os docentes estão muito ocupados, escrevendo artigos que em geral não acrescentam nada e ninguém irá ler, ou participando de congressos que lhes garantem pontinhos em sua avaliação, por isso não têm tempo a perder com literatura e boa arte.

Por fim, e retomando a constatação de que vivemos num mundo de imagens, que muitos acreditam poder substituir as palavras, relembro o mestre Millôr Fernandes, recentemente falecido: “se uma imagem vale mais do que mil palavras, tente dizer isto com imagens.”

### **O que você vem pesquisando ou fazendo atualmente? Conte-nos um pouco... Posso ser curiosa?**

Como se diz popularmente, “estou na muda”. Passarinho na muda, isto é, quando está trocando as penas, deixa de cantar e fica quietinho num canto. Após quarenta anos de magistério resolvi me aposentar e deixar de dar aulas, de participar de bancas e reuniões, de emitir pareceres, de ler e opinar sobre projetos e de frequentar atividades acadêmicas. Faço apenas uma ou outra palestra Brasil afora, quando as condições me agradam. Simplesmente cansei do ritmo alucinado que ultimamente se tenta imprimir à academia, com metas industriais de produtividade, medida apenas com a régua da quantidade e não da qualidade. Por isso escrevi o ensaio “The Rotten Papers (Ou: Adiós Que Yo Me Voi)”, que fecha o meu livro mais recente, *A montanha e o videogame: escritos sobre educação* (Papyrus Editora) – trata-se de minha despedida da docência, na forma de uma discussão acerca desse furor produtivista que nos assola.

E depois de tantos textos ruins lidos por obrigação me entrego agora, desenfreadamente, à boa leitura, devorando tanto literatura quanto obras jornalísticas, históricas, filosóficas, biográficas – o que me der prazer e despertar o meu interesse eu vou lendo. Além, claro, de poder me sentar e ouvir com calma minha coleção de vinis e cds e de assistir a filmes recentes e antigos.

Tendo, porém, organizado há pouco os meus guardados, encontrei muita coisa em aberto, muitos projetos deixados atrás, inacabados ou sequer começados: poemas, peças teatrais, artigos... Pretendo depois retomar alguns deles e ver aonde chego. Acho que vou começar com a tradução de uma obra escrita em espanhol, de um autor de que gosto bastante, e que há muito planejo realizar.

No entanto há uma reflexão que lentamente vem me ocupando nos últimos anos e para a qual já comprei e estoquei um bom tanto de livros a serem lidos, além daqueles que já li sobre o tema. Trata-se de pensar a comida enquanto objeto estético, mais precisamente a alimentação como experiência estética e oportunidade para a educação dos sentidos. Pois a degradação que a indústria

cultural promove nas sensibilidades também se repete na indústria da alimentação, com seus *fast foods* e comidas artificiais, insossas e venenosas, com as quais as crianças se entopem, engordam e se deseducam – o que de certa maneira tangenciei no ensaio que dá nome ao livro citado acima. Isto, entretanto, fica para mais adiante. Como disse, estou na muda e em processo de desintoxicação. E tenho lido, relido e recomendado a leitura do poema “Apelos aos Meus Dessemelhantes em Favor da Paz”, do Drummond, a todos aqueles que me convidam para voltar a encarar uma ou outra atividade nas universidades. Vale a pena conhecê-lo.

## NOTAS

1 Entrevista realizada pela Prof<sup>a</sup>. Dra. Carla Carvalho.

2 Grupo de Pesquisa Cultura Escola e Educação Criadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIVALI. É coordenado pelas professoras Dra. Adair de Aguiar Neitzel e Dra. Carla Carvalho.